

JAIME CORTESÃO

(Ançã, 29/04/1884 – Lisboa, 15/08/1960)

Político, escritor e historiador, Jaime Cortesão foi um vulto maior da cultura portuguesa. Da sua intensa produção intelectual destaca-se a investigação histórica e da sua faceta política salienta-se um persistente compromisso cívico, que se manifesta em diferentes momentos e através de iniciativas distintas, mas sempre orientado pelos valores democrático.

Muito embora tenha frequentado o curso de Grego e de Direito, Jaime Cortesão acabará por concluir os estudos na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, em 1910. Mas também não será a carreira médica a escolhida pelo intelectual que, desde cedo, cultivava as letras e os mais diversos ramos da cultura, manifestando os seus vastos interesses no assunto explorado na tese final de licenciatura *A arte e a medicina. Antero de Quental e Sousa Martins*. Em 1907, com 23 anos, já o escritor havia fundado, com Leonardo Coimbra, Cláudio Basto e Álvaro Pinto, a revista *Nova Sylva*, onde assina poemas e desenhos (Carvalho 1992). Após a revolução republicana de 5 de Outubro de 1910, Jaime Cortesão fixa-se no Porto, onde se dedica ao ensino liceal e à política, chegando a exercer o cargo de deputado do Partido Republicano Português / Partido Democrático pela Invicta. Nesta época, será um dos principais impulsionadores da *Renascença Portuguesa* com Teixeira de Pascoais e Leonardo Coimbra, entre outros, sendo também colaborador activo da revista *A Águia*. Ainda no âmbito deste movimento, lança o projecto educativo das Universidades Populares e dirige a revista *A Vida Portuguesa*.

Antes de iniciar um importante labor historiográfico, Jaime Cortesão faz uma breve incursão pelo teatro, escrevendo três peças que estreiam em Lisboa: *O Infante de Sagres*, drama épico em 4 actos, (Teatro da República, ex-Teatro D. Amélia, 1916), *Egas Moniz*, drama em 4 actos, (no mesmo espaço, rebaptizado Teatro São Luiz, após deixar cair o nome «República» em homenagem do fundador, o Visconde São Luiz de Braga; 1919) e *Adão e Eva*, peça em 3 actos (Teatro do Ginásio, 1921). A primeira destas peças, dedicada «Aos marinheiros de Portugal», centra-se na figura do Infante D. Henrique, sendo de salientar o cuidado na investigação sobre a época de Quatrocentos, para a qual o autor contou com a colaboração de reputados historiadores, eruditos e especialistas de várias áreas, como Joaquim de Vasconcelos, Luciano Pereira da Silva, António de Vasconcelos e Pedro de Azevedo, conservador da Torre do Tombo (Carvalho 1992); o espectáculo, tendo recebido «um elogio unânime da crítica, teve como cenógrafo José Mergulhão que, à boa maneira naturalista, reproduziu fielmente a sala do Mosteiro da Batalha para o 3º acto da peça» (Bastos / Vasconcelos 2004: 100). Em *Egas Moniz*, o dramaturgo recorre às lendas portuguesas e dá forma dramática ao sonho colectivo, prossequindo o mesmo ideal pedagógico e cívico que havia orientado *O infante de Sagres*: «os patrióticos propósitos de *renascente*, o sentido pragmático da arte que eu desejava pôr ao serviço do ressurgimento heroico de Portugal» (Cortesão 1960). Luiz Francisco Rebello aponta o regresso ao drama histórico em pleno regime republicano, reanimado por dramaturgos saudosos do regime deposto, como Vasco de Mendonça Alves (1883-1963) e Rui Chianca (1891-1931), opondo, no entanto, o «revivalismo tradicionalista» desses à «visão democrática e progressista da história» dos dramas de Jaime Cortesão (Rebello 2010: 115).

Em 1921, ano de estreia de *Adão e Eva*, Jaime Cortesão afasta-se do grupo da Renascença e do Saudosismo de Pascoais, passando a associar-se aos fundadores da *Seara Nova*, ou seja, Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, Azeredo Perdigão, Câmara Reis, Faria de Vasconcelos, Ferreira de Macedo, Francisco António Correia, Raul Brandão e Raul Proença. Nessa altura, o autor já havia combatido na Grande Guerra, como médico voluntário, nas trincheiras da Flandres, e já tinha sido alvo da repressão sidonista. Sintomaticamente, o dramaturgo abandona o passado histórico e situa o seu novo drama no pós-guerra, dando visibilidade à crise social e espiritual vivenciada nos tempos conturbados do final da Primeira República. Porém, não deixará de sugerir o retorno da esperança e a crença numa revolução capaz de criar a sociedade fraterna almejada. De facto, como aponta Luiz Francisco Rebello, que salienta o final da peça: «“Nasce o dia... A vida vai começar...”», são as palavras com que o drama termina e que o autor põe na boca do protagonista, um revolucionário idealista que recusa a violência da revolução mas com ela continua a identificar-se e por fidelidade a ela é perseguido e preso» (Rebello 1998: 12). A peça, encenada por Araújo Pereira, suscita um furioso debate, sendo defendida por Raul Brandão – cuja dramaturgia singular também espelhará a profunda crise da época – num depoimento publicado no *Diário de Lisboa*, em 1 de Junho de 1921: «Atirar assim para o palco com uma peça em que o autor se debate, e é talvez a sua própria consciência que põe a nu; em que sentimos que há alguém que grita, que se desespera, que se despedaça – é belo mas arriscado» (Brandão 1986: 189). David Mourão-Ferreira entrevê na peça um teatro «moderno» e até mesmo um «teatro do “situações” no sentido sartriano da designação e no qual se debatem até alguns problemas que virão a ser fundamentais na obra dramática de Sartre: o problema da liberdade, o problema da escolha e mesmo (embora apenas afluído) o problema da bastardia» (Mourão-Ferreira 1970: 200).

O autor de *Adão e Eva* sofrerá o exílio após a sangrenta repressão da revolta militar de 3 de Fevereiro de 1927, sendo demitido da direcção da Biblioteca Nacional, cargo que ocupara desde 1919. Vive em Espanha e em França e regressa a Portugal em 1940, sendo preso na fronteira e enviado para a fortaleza de Peniche e depois para o Aljube. No ano seguinte, parte para o Brasil, onde desenvolve uma obra histórica fundamental sobre a Expansão Ultramarina e a Formação do Brasil, e só regressará a Portugal definitivamente em 1957. Embora mantendo a posição apartidária que havia assumido depois da Grande Guerra, Jaime Cortesão continua a combater pela democracia, participando na campanha de Humberto Delgado. Será preso pela última vez em 1958, já contava com 74 anos e, nesse mesmo ano, é eleito presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores pelos seus pares. Após a sua morte, a figura de Jaime Cortesão continuou a ser um modelo de resistência para a oposição durante o Estado Novo de Salazar, perdurando a memória da sua atitude sempre combativa face às governações ditatoriais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Glória / VASCONCELOS, Ana Isabel (2004). *O teatro em Lisboa no tempo da Primeira República*. Lisboa: IPM, Museu Nacional do Teatro.

BRANDÃO, Raul (1986). «Escritos sobre teatro» in *Teatro*. Lisboa: Editorial Comunicação.

CARVALHO, Filipe Nunes de (1992). «Jaime Cortesão, historiador dos descobrimentos: primeiros passos» in *Mare Liberum*, vol. 4 (dir. Luís Adão da Fonseca). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses. Edição electrónica alojada no sítio CIDEHUS Digital, consultável em

<http://www.cidehusdigital.uevora.pt/mare_liberum/volume-4/jaime-cortesao-historiador-dos-descobrimentos-primeiros-passos> (data de acesso: 22 de Agosto de 2017).

CORTESÃO, Jaime (1960). «Prefácio a modo de memórias» in *O Infante de Sagres*. Porto: Edições Marânus (4ª ed.)

MOURÃO-FERREIRA, David (1970). «Jaime Cortesão» in Luiz Francisco Rebello (dir.), *Dicionário do teatro português*. Lisboa: Prelo.

REBELLO, Luiz Francisco (1998). «Prefácio» in Jaime Cortesão, *Teatro*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda (4ª ed.).

___ (2010), *Três espelhos: uma visão panorâmica do teatro português do Liberalismo à Ditadura (1820-1926)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

SOUSA, Jorge Pais de (2010). «Jaime Cortesão: o escritor combatente na I Guerra Mundial e a defesa intransigente de uma República democrática e inclusiva», in *Biblos. A República e as Letras*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 175-206. Consultado em <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/32533/1/BiblosVIII_artigo8.pdf> (data de acesso: 24 de Agosto de 2017).

SITIOGRAFIA

Universidade do Porto:

<https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20jaime%20cortes%C3%A3o> (data de acesso: 24 de Agosto de 2017).

Rita Martins

Colaboração e revisão de Sebastiana Fadda